

A CRÍTICA AO OLHAR DOMINADOR NOS CONTOS “A MENOR MULHER DO MUNDO”, DE CLARICE LISPECTOR, E “HUMAL”, DE DULCE MARIA CARDOSO

Larissa Fonseca e Silva¹

RESUMO

“A menor mulher do mundo”, de Clarice Lispector (na coletânea *Laços de Família*), e “Humal”, de Dulce Maria Cardoso (no livro *Tudo são histórias de amor*) são contos com similaridades de escrita, como o uso de fortes doses de ironia e de instâncias narrativas que constroem o texto de tal forma que, a partir da entrada do “estranho” enquanto o Outro, acabam por provocar desfiles de falas que criam microcosmos. As semelhanças são, também, temáticas: há, por diferentes vieses, a crítica à exploração do Outro. Essa crítica se dá a partir do comportamento moralista (hipócrita) e etnocêntrico de alguns de seus personagens, que classificam, inferiorizam e bestializam o que é considerado diferente. Além disso, há como ponto de contato os personagens inferiorizados em ambos os contos serem vistos, pelo olhar dominante, como deformados, repulsivos e quase incomunicáveis, e isso se torna justificativa para serem explorados. Neste trabalho, demonstraremos as várias maneiras em que esse olhar dominador se apresenta. Para tal, teremos como aporte teórico textos de Silviano Santiago (“Por que e para que viaja o europeu”), Linda Hutcheon (“Descentralizando o pós-moderno: o ex-cêntrico”), Roland Barthes (“Os marcianos”), Montaigne (“Sobre os canibais”) e Michel Foucault (*As palavras e as coisas*).

Palavras-chave: Contos, Clarice Lispector, Dulce Maria Cardoso, O Outro.

1 Mestranda em Teoria Literária e Crítica da Cultura, na linha de pesquisa Literatura e Memória Cultural, do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ, larissafonsil@yahoo.com.br;

INTRODUÇÃO

Como aponta Roland Barthes no ensaio “Marcianos”, em que ironiza o modo como os europeus imaginavam os alienígenas à época da Guerra Fria, “A alteridade é o conceito mais desagradável ao ‘bom senso’” (BARTHES, 2001, p. 34). Esse “bom senso” entre aspas seria o considerado universal, isto é, o que se estabeleceu, historicamente, por meio dos mais diversos silenciamentos, como universal. Desse modo, haveria uma certa incompetência em se imaginar o extraterrestre:

Provavelmente, se um dia desembarcássemos em Marte tal como o construímos, não encontraríamos senão a própria Terra, e perante esses dois produtos de uma mesma História não saberíamos reconhecer o nosso. Pois, para que Marte tenha alcançado o saber geográfico, é preciso que tenha tido também o seu Estrabão, o seu Michelet, o seu Vidal de la Blache, e por conseguinte, também, as mesmas nações, as mesmas guerras, os mesmos cientistas e os mesmos homens que nós. (BARTHES, 2001, p. 33)

Essa “incompetência” embasou todo tipo de violência contra o que se considera diferente pelo ponto de vista dominante. No ensaio “Por que e para que viaja o europeu?”, em que se tece uma crítica a como se deu a exploração do chamado “Novo Mundo”, Silvano Santiago afirma: “(...) a história dita universal surge com o expansionismo europeu. O Novo Mundo é apenas a ocasião para um outro espelho, e o indígena, barro para se confeccionar um duplo e semelhante. E toca violência e destruição” (SANTIAGO, 2002, p. 26). Montaigne, na França e à época do Renascimento, também já tinha uma crítica muito forte ao jeito como se tratavam os nativos do território invadido. No ensaio “Sobre os canibais” propõe, pois, uma reflexão acerca dos critérios sob os quais o europeu se achava superior ao povo nativo brasileiro. E escreve:

(...) pelo que dela me contaram, acho que não há nada de bárbaro e de selvagem nessa nação, a não ser que cada um chama de barbárie o que não é seu costume. Assim como, de fato, não temos outro critério de verdade e de razão além do exemplo e da forma das opiniões e usos do país em que estamos. Nele está a religião perfeita, o governo perfeito, o uso perfeito e consumado de todas as coisas. Eles são selvagens assim como chamamos selvagens os frutos que a natureza produziu por si mesma e por seu avanço habitual; quando na verdade os que alteramos por

nossa técnica e desviamos da ordem comum é que deveríamos chamar de selvagens. (MONTAIGNE, 2010, p. 145)

Apesar do que Montaigne já escrevia há mais de 500 anos, sabemos: foi só após os anos 1960 que se tornaram mais divulgados trabalhos e linhas de pensamento que tentavam desestabilizar o “universal”, o “centro”. Linda Hutcheon, em “Descentralizando o pós-moderno: o ex-cêntrico”, chama de “pós-modernismo” os anos que se seguem a esses, e comenta: “[O pós-modernismo] questiona as próprias bases de qualquer certeza (história, subjetividade, referência) e de quaisquer padrões de julgamento. Quem os estabelece? Quando? Onde? Por quê?” (HUTCHEON, 1991, p 84). Além de reforçar a nova consciência e questionamento do que é dado como “diferente”, a autora aponta que as novas linhas de pensamento não pretendem uma nova forma de dominação:

O pós-modernismo não leva o marginal para o centro. Menos do que inverter a valorização dos centros para a das periferias e das fronteiras, ele utiliza esse posicionamento duplo paradoxal para criticar o interior a partir do exterior e do próprio interior. (HUTCHEON, 1992, p. 98)

Partindo dessa breve discussão que aqui se apresenta, propõe-se, neste artigo, uma leitura dos contos “A menor mulher do mundo”, de Clarice Lispector, e “Humal”, de Dulce Maria Cardoso em que se tente apontar como, nessas narrativas, é feita uma crítica ao ponto de vista dominante, que chamamos aqui de “olhar dominador”.

O conto da autora brasileira foi publicado na coletânea *Laços de Família* em 1960, e traz a forma como vários leitores de um jornal, cada um em sua casa – em seu pequeno núcleo burguês –, reagem à fotografia de uma mulher congoleza considerada a menor de que já se teve registro. A voz narrativa em “A menor mulher do mundo” traz também os pensamentos e reações do explorador que a fotografou.

Já o conto de Dulce Maria Cardoso, portuguesa, pertence à coletânea *Tudo são histórias de amor*, publicada pela Tinta-da-china Brasil em 2017. Em “Humal”, a voz narrativa aponta como o nascimento de uma criança com características que fugiam muito ao padrão afeta as pessoas próximas a ela. Se, a princípio, esse indivíduo era julgado repulsivo, a descoberta de um talento seu, considerado admirável, vai torná-lo lucrativo em um forte sistema de exploração que se forma a partir dele e ao seu redor.

Em nenhum dos contos se especifica a região em que ocorre o palco dos preconceitos e julgamentos contra Pequena Flor e Corcunda, as

personagens desviantes, respectivamente, em cada narrativa. É possível identificar, porém, que as falas das personagens que as entendem como “o Outro” criam microcosmos do que reconhecemos como uma sociedade fundamentada em binarismos, isto é, no que se considera “certo”, “padrão”, e o que se considera “errado”, “inferior”.

Dividimos nossa leitura dos contos em três seções. A primeira, “Nomeação e classificação”, aponta como é similar em ambos os textos a necessidade do olhar dominador em denominar tudo o que se vê dentro daquilo que já se tem como modelo. Essa necessidade parte de um “critério prévio” (FOUCAULT, 2016, p. 15-16) historicamente construído e estabelecido, e questionado por Michel Foucault na introdução de *As palavras e as coisas*:

Em que “tábua”, segundo qual espaço de identidades, de similitudes, de analogias, adquirimos o hábito de distribuir tantas coisas diferentes e parecidas? (...) não há, mesmo para a mais ingênua experiência, nenhuma similitude, nenhuma distinção que não resulte de uma operação precisa e da aplicação de um critério prévio. (FOUCAULT, 2016, p. 15-16)

Na segunda seção, “Subalternização e exploração”, demonstramos como também se aproximam, nos dois contos, a subalternização e exploração posteriores a esse momento em que se nomeou e classificou como “diferentes” as personagens Pequena Flor e Corcunda.

Por fim, na última seção, tentamos apontar de que maneira podemos ler, tanto em “A menor mulher do mundo” como em “Humal”, “A crítica ao olhar dominador”, título dessa última parte deste artigo.

NOMEAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

Ao início de “Humal”, de Dulce Maria Cardoso, ficamos sabendo que a personagem Marquinhas estava grávida de seu quarto filho quando o padre sugerira que ela fizesse um “desmancho”. A justificativa do padre era que os outros filhos de Marquinhas já tinham nascido com deficiências físicas, de modo que o quarto não apenas teria grandes chances de ter o mesmo destino como, também, seria mais uma boca para se alimentar em uma família de baixa renda.

Marquinhas decide ignorar a recomendação e, quando vai solicitar o batismo para o recém-nascido, o padre hesita, afirmando que a aparência do menino seria repulsiva demais. Ele é descrito como tendo um rasgo

oblíquo e longo no lugar da boca, e com pregas de carne sobre os olhos e sob uma testa larga. Esses olhos captariam apenas as oscilações da luz, e, no lugar do nariz, haveria dois buracos que permitiriam a respiração. As pernas pareceriam caudas, e a criança só conseguiria se mover, quando fosse o caso, com a ajuda dos braços. “Mas a monstruosidade maior era o alto das costas, tão grande que dava a ideia de que o mundo se tinha embrulhado todo ali” (CARDOSO, 2017, p. 182), declara a voz narrativa. Essa característica em especial teria feito com que o menino, apesar de ter sido enfim batizado e nomeado “José”, só fosse chamado pela alcunha de “Corcunda”.

Pouco antes do batismo, é dito:

Nenhum dos outros aleijados de Marquinhas e Mateus causava espanto, porque eram aleijados normais, dos que se encontram com frequência a pedir esmola nas bermas dos passeios das cidades. Mas ninguém sabia o que pensar do quarto aleijado. Anciãos capazes de distinguir se o lume era de pinheiro ou de sobreiro ou descobrir o Norte no meio do breu mais desorientador encontravam-se desta vez na situação de verem sem saberem nomear ou pelo menos adjectivar. (CARDOSO, 2017, p. 181)

Logo no início do conto, pois, fica clara a repulsa ao que é considerado diferente pelo olhar dominador. No caso do Corcunda, a diferença se contrapõe até a uma diferença primeiro instaurada, visto que ele é descrito como espantoso por não ser um “aleijado normal” (CARDOSO, 2017, p. 181). Além disso, o que se aponta como normalizado nas pessoas com deficiência (PcDs) é justamente o lugar marginalizado que a elas costuma ser relegado: pedindo esmolas, por exemplo.

Tanto o preconceito em relação ao que se considera diferente quanto a necessidade de nomeá-lo e classificá-lo surgem também em “A menor mulher do mundo”, de Clarice Lispector. Nesse conto, um explorador acaba de chegar, no Congo Central, à comunidade do menor povo existente, segundo a descrição dada a esse explorador pelos nativos. Nesse local, dentre os pigmeus, ele descobre “(...) uma mulher de quarenta e cinco centímetros, madura, negra, calada” (LISPECTOR, 2016, p. 193) e grávida. Adiante, é narrado que o explorador, “Sentindo necessidade imediata de ordem, e de dar nome ao que existe, apelidou-a de Pequena Flor. E, para conseguir classificá-la entre as realidades reconhecíveis, logo passou a colher dados a seu respeito” (p. 193-194).

Quando a fotografia de Pequena Flor surge nos jornais, os leitores se espantam. Assim, do mesmo modo como, em relação ao Corcunda do conto de Dulce Cardoso, é posto que “Prevenindo-se o olhar e instruída a repugnância, podia olhar-se sem aflição” (CARDOSO, 2017, p. 180), diz-se sobre Pequena Flor: “Nesse domingo, num apartamento, uma mulher, ao olhar no jornal aberto o retrato de Pequena Flor, não quis olhar uma segunda vez ‘porque me dá aflição’” (LISPECTOR, 2016, p. 195).

A aparência de Corcunda e de Pequena Flor, distanciando-se do padrão aceito por essas pessoas que os julgam – e que representam, por sua vez, microcosmos sociais –, é descrita dentre desumana, animalésca e monstruosa. O bispo do conto de Dulce Cardoso só aprovou o batizado de Corcunda porque “(...) considerou que um filho de dois humanos alguma humanidade havia de ter” (CARDOSO, 2017, p. 181). No conto de Clarice Lispector, ainda que se admita que Pequena Flor seja uma mulher, os leitores do jornal, quando não a comparam a bichos, a objetificam como “brinquedo” (LISPECTOR, 2016, p. 196) ou “coisa rara” (p. 198).

Soma-se a essas classificações preconceituosas a noção de certo e errado para a ideologia dominante. Desse modo, Pequena Flor seria uma exceção aos fenômenos naturais, provavelmente obedecendo, conforme se descreve, “(...) à necessidade que às vezes a natureza tem de exceder a si própria” (LISPECTOR, 2016, p. 193). “Deus sabe o que faz”, diz uma leitora do jornal no final do conto de Lispector (p. 200). A ideia de um misterioso desígnio divino também aparece em “Humal”, quando Marquinhas rebate o padre quanto à recomendação do aborto: “(...) se os desígnios do Senhor não tivessem mistério, o temporal não teria derrubado o beiral da igreja e poupado o da taberna, como se não fosse neste antro que os homens cometem muitos dos seus pecados” (CARDOSO, 2017, p. 179). O padre, por sua vez, considera que os filhos com deficiência de Marquinhas já seriam uma punição divina por algum pecado dos pais.

Desumanizados e tidos como capricho da natureza ou castigo divino, Corcunda e Pequena Flor podem, na concepção daqueles que se consideram corretos e normais, serem subalternizados e explorados.

SUBALTERNIZAÇÃO E EXPLORAÇÃO

No conto “A menor mulher do mundo”, enquanto vamos acompanhando as reações de várias famílias à foto de Pequena Flor no jornal, percebemos o quanto essas reações são racistas e cruéis. Uma mãe

define a expressão triste no rosto de Pequena Flor como “tristeza de bicho” (LISPECTOR, 2016, p. 196), e um garoto diz:

Mamãe, e se eu botasse essa mulherzinha africana na cama de Paulinho enquanto ele está dormindo? quando ele acordasse, que susto, hein! que berro, vendo ela sentada na cama! E a gente então brincava tanto com ela! a gente fazia ela o brinquedo da gente, hein! (LISPECTOR, 2016, p. 196)

Outra mãe comenta com os familiares: “Imagina só ela servindo a mesa aqui em casa! e de barriguinha grande!” (LISPECTOR, 2016, p. 198). Percebe-se que esses sujeitos, provavelmente pertencentes à burguesia (não se especifica de qual país), só conseguem ver a esse Outro que se lhes apresenta à medida em que pode servi-los. Pequena Flor torna-se, para eles, não um ser humano em si, mas algo a que se pode empregar para seu prazer e conforto.

Não é muito diferente no conto de Dulce Maria Cardoso. Corcunda vai crescendo dependente dos pais para tudo, e, quando Marquinhas morre, ele chora de um jeito que comove a todos. Seu choro é um canto, sobre o qual se diz:

Não cânticos da missa, nem canções da granofola, outra coisa que chegava à parte mais misteriosa das almas e se demorava amorosamente por lá. Houve homens embrutecidos que confessaram que os pêlos se lhes eriçaram e mulheres mais sensíveis que contaram visões de anjos no telhado da casa do Corcunda. Todos concordaram que nunca tinham ouvido coisa semelhante e que nunca nada os tinha feito sentir tão bem. (CARDOSO, 2017, p. 184)

Uma vez que os vizinhos, maravilhados, passam a oferecer recompensas para que Corcunda tornasse a cantar, e posto que Corcunda nunca entendeu o que lhe é pedido, o pai, esfomeado e precisando do dinheiro, descobre que só pode fazê-lo cantar por meio do sofrimento. É “criativo” quanto às possibilidades de dor que pode infligir a ele, indo de espancamentos a tortura psicológica (abandonando-o no escuro, por exemplo).

Quando o pai morre, o irmão mais velho, procurando maneiras de continuar sustentando a si e às irmãs, segue o trabalho de carrasco de Corcunda. Todos satisfeitos com a cantoria celestial, não demoram a chegar à região também pessoas de fora dela, o que movimenta a economia local: “Já havia muita gente a ganhar um bom dinheiro por acolher os

forasteiros que vinham ouvir o Corcunda. Os empreiteiros tinham alargado a casa do Senhor e construíam agora uma albergaria, com duzentos quartos, e várias casas de pasto” (CARDOSO, 2017, p. 186).

O absurdo chega a seu ápice quando uma das irmãs se dá conta de que, se Corcunda morresse, perderiam sua fonte de renda. Assim, decide se deitar com ele, e o filho nascido do incesto demonstra ter o dom do pai. A outra irmã decide seguir o exemplo da primeira, também engravidando do irmão. Dos gêmeos nascidos da segunda irmã, um também canta como Corcunda. A partir disso, narra-se que:

Um forasteiro teve a ideia de trazer fêmeas de longe para as chegar ao Corcunda e as de mais perto não se quiseram ficar atrás. O Corcunda ia cobrindo as raparigas em data marcada pelos aleijados, que estipulavam o preço consoante os terrenos ou os tractores e as máquinas que queriam comprar. Quando as raparigas não alcançavam, podiam ser chegadas uma segunda vez. (CARDOSO, 2017, p. 187)

A postura grotesca daqueles que se consideram “normais” faz lembrar a crítica de Montaigne (em “Sobre os canibais”) aos que, nos anos 1500, chamavam de “bárbaros” os indígenas brasileiros: “(...) podemos muito bem chamá-los de bárbaros com relação às regras da razão, mas não com relação a nós, que os ultrapassamos em toda espécie de barbárie” (MONTAIGNE, 2010, p. 151).

A CRÍTICA AO OLHAR DOMINADOR:

Demonstradas as diferentes formas pelas quais o olhar dominador se apresenta nos contos – nomeação, classificação, subalternização e exploração –, pretende-se, a partir de agora, demonstrar de que maneira as autoras Dulce Maria Cardoso e Clarice Lispector produzem sua crítica a esse olhar.

No caso de Dulce Maria Cardoso, quando chegamos ao final do conto, percebemos que, por meio do grotesco e do impactante, se fez uma crítica à exploração animal. O próprio título “Humal”, junção entre “humano” e “animal”, apontou para isso. A construção do texto usou o (esperado) choque do leitor ao tratamento concedido a um ser humano – o Corcunda – para provocar reflexão sobre o tratamento que foi dado, historicamente, também aos animais. Esse tratamento violento e

exploratório chega ao auge em uma sociedade capitalista de produção em massa, em que tudo é valorado a partir do lucro:

A maior parte das criaturas vinha a este mundo sem o dom do Corcunda, mas descobriam-se-lhes sempre serventias especiais. Continuaram pois os homens a providenciar para que elas se multiplicassem. Depressa perceberam que lhes apuravam essas serventias se cruzassem criaturas que fossem parecidas umas com as outras. E assim fizeram. Para que as criaturas fornecessem o bem-estar de que eram capazes era preciso infligir-lhes sofrimento. Mas isso sempre foi um trabalho simples: há sofrimento em abundância neste mundo de Deus e consegui-lo é das coisas mais fáceis. (CARDOSO, 2017, p. 188)

Foi a partir de Corcunda, pois, que teriam nascido os bichos, herdeiros de seu sofrimento. E, como o próprio Corcunda, também esses bichos necessitaram de nomeação e classificação: “Com o tempo deixou de haver criaturas com o dom do Corcunda e foi preciso organizar a variedade daquelas que existiam. Surgiram então as palavras por que foram nomeadas, misteriosas como tudo o que é abstracto: porco, cabra, cão, ovelha...” (CARDOSO, 2017, p. 188).

A crítica construída por Dulce Cardoso abrange, pois, o tratamento dado ao Outro que é desumanizado e ao Outro que, não sendo, de fato, um ser humano, já é entendido ideologicamente como inferior.

Já no conto de Clarice Lispector, “A menor mulher do mundo”, a crítica ao olhar dominador se deu a partir do riso de Pequena Flor. Essa personagem deixa, a partir de certa altura do conto, de ser o objeto de curiosidade e julgamento por parte do explorador e dos leitores do jornal para ganhar também o seu ponto de vista ali dentro. A voz narrativa abarca sua alteridade, mostrando que também ela estava, por sua vez, julgando o explorador diante dela e que era, para ela, o Outro, o diferente. Ele era uma pessoa branca entre pessoas negras em uma comunidade isolada, formada longe dos padrões morais e filosóficos do Ocidente. Em sua maneira de pensar e entender, Pequena Flor olha aquele homem branco e *ri* – gesto que, para o europeu, seria de uma profunda irreverência e causa seu constrangimento. Afinal: “(...) Foi nesse instante que o explorador, pela primeira vez desde que a conhecera, em vez de sentir curiosidade ou exaltação ou vitória ou espírito científico, o explorador sentiu mal-estar” (LISPECTOR, 2016, p. 198). Adiante, é dito: “(...) Era um riso como somente quem não fala, ri. Esse riso, o explorador constrangido não conseguiu classificar” (p. 199).

A voz narrativa tenta explicar o riso de Pequena Flor:

É que a própria coisa rara sentia o peito morno do que se pode chamar de Amor: ela amava aquele explorador amarelo. Se soubesse falar e dissesse que o amava, ele inflaria de vaidade. Vaidade que diminuiria quando ela crescesse que também amava muito o anel do explorador e que amava muito a bota do explorador. E quando este desinchasse desapontado, Pequena Flor não compreenderia por quê. (...) pois nem de longe seu profundo amor pelo explorador ficaria desvalorizado pelo fato de ela também amar sua bota. (LISPECTOR, 2016, p. 199)

Aqui, fica claro mais uma vez que os valores de Pequena Flor são tão outros como ela própria foi vista como Outro, e é isso que causa a dificuldade de compreensão por parte do explorador. Pequena Flor não é mais o ser inferiorizado – condição simbolizada e ironizada também a partir de sua própria altura. Ela é, agora, o ser humano que avalia e julga. E, para desespero do explorador, ela ri.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propomo-nos neste artigo a fazer uma leitura comparativa entre os contos “A menor mulher do mundo”, de Clarice Lispector, e “Humal”, de Dulce Maria Cardoso buscando investigar como foi construída, neles, a crítica ao olhar dominador. Para tal, partindo das inúmeras similaridades entre os enredos, dividimos nossa leitura em seções que buscaram demonstrar como, nos dois casos, Pequena Flor e Corcunda foram nomeados, classificados, subalternizados e, enfim, explorados. No caso de Corcunda, a exploração foi violenta e gerou toda uma descedência vítima dos mesmos maus-tratos. Quanto à Pequena Flor, deu-se a entender que, não houvesse as leis e a distância territorial entre seu povo e os leitores do jornal, também ela seria vítima de exploração, servindo a interesses econômicos – fosse pela força de trabalho, fosse pela espetacularização de sua figura.

Os dois contos deslocam o leitor ao final de seus enredos. No caso do conto “Humal”, é esperado que a maior parte dos leitores se perceba cúmplice do sistema de exploração animal, uma vez que o próprio consumo de carne, leite e ovos, tão difundido nas culturas ocidentais, já colabora para isso.

Quanto ao “A menor mulher do mundo”, o deslocamento é causado pelo riso de Pequena Flor, que sai ali da condição de vítima e se impõe diante daquele que se pretendia superior.

É válido apontar, aliás, que tanto Corcunda quanto Pequena Flor não eram totalmente compreendidos em sua comunicação: Corcunda não falava, e Pequena Flor falava um dialeto que o explorador ainda estava aprendendo. As duas personagens subalternizadas, porém, se manifestam de maneira clara quanto ao que sentem: Corcunda, pelo canto choroso, demonstra sua dor, que é recebida como arte. Pequena Flor, pelo riso, deixa claro que não se intimida com um homem branco que se pretende maior do que ela para além da própria altura.

Ambas as personagens impõem, pois, sua voz dentro do conto. Isso, por si só, já contribui para a crítica que se constrói nos enredos.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento à FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, cujo financiamento possibilitou este trabalho.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Marcianos. In: BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 32-34.

CARDOSO, Dulce Maria. Humal. In: _____. **Tudo são histórias de amor**. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2017. p. 179-188.

FOUCAULT, Michel. Prefácio. In: _____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia**

das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. 10 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016, p. 9-22.

HUTCHEON, Linda. Descentralizando o pós-moderno: o ex-cêntrico. In: _____. **Poético do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991. p. 84-103.

LISPECTOR, Clarice. A menor mulher do mundo. In: _____. **Todos os contos** - Laços de família. Organização de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p. 193-200.

MONTAIGNE, Michel. **Os ensaios**: uma seleção. Org. M. A. Screech. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTIAGO, Silviano. Por que e para que viaja o europeu? In: _____. **Nas malhas da letra**: ensaios. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 221-240.